



TRAGÉDIA E ESTILO: CONTINGÊNCIA E UNIDADE DO CORPO

Cruz, Etevaldo Santos; Doutorando; Universidade Federal da Bahia,
theozurc@hotmail.com¹

RESUMO

No capítulo Revolta e arte, em *O Homem Revoltado* (1996), Albert Camus evoca a intrigante afirmação: “A criação é exigência de unidade e recusa do mundo. Mas ela recusa o mundo por causa daquilo que falta a ele e em nome daquilo que, às vezes, ele é” (CAMUS, 1996, p.291). Essa afirmação explicita a dimensão trágica do desejo de unidade do mundo, cuja manifestação pode ser compreendida no estilo, isto é, o estilo como *tentativa* de apoderamento da unidade metafísica do mundo através da plasmação de uma forma substitutiva desta unidade inapreensível. A partir dessa perspectiva, este estudo tem por objetivo refletir, ainda de forma propositiva, sobre a dimensão trágica do estilo como potência plasmadora da *expressão como uma instituição histórica*. Para isso, nos aproximamos da noção de *tragédia* que Georg Simmel, em *O conceito e a tragédia da cultura* (2014), evidencia na tensão entre a condição da subjetividade do sujeito e a objetividade do mundo. Não um dualismo substancial, diz Simmel (2014), mas a tensão onde o espírito, ao “ultrapassar o objeto como tal, criando a si mesmo como objeto, para retornar a si mesmo enriquecido por essa criação” (SIMMEL, 2014, p.162), paga o alto preço em ver o mundo criado se distanciar como uma totalidade objetiva inapreensível e intemporal. Em outros termos, “o ser humano se torna então o simples portador dessa pressão com a qual essa lógica domina” (SIMMEL, 2014, p. 160). Esta é a tragédia da cultura para Simmel, ou seja, “que as forças de destruição dirigidas contra um ser tenham origem nas camadas profundas desse mesmo ser” (SIMMEL, 2014, p.160). Isso corresponde aos sedimentos que são objetivados na história e que impulsionam o sujeito

¹Doutorando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade- UFBA. theozurc@hotmail.com



ao devir. Essa tensão da condição trágica do estilo *parece* se aproximar da mesma questão que Merleau-Ponty, introduz n' *A Linguagem indireta e as vozes do silêncio* (2004). Ao tratar da pintura, diz sobre o estilo: “O estilo é em cada pintor o sistema de equivalência que ele se constitui para essa obra de manifestação, o índice universal da “deformação coerente” pela qual concentra o sentido ainda esparso em sua percepção e o faz existir expressamente”(MERLEAU-PONTY, 2004, p.81). Portanto, essa tessitura do movimento estilizante nos conduz ao ponto em comum da tragédia do estilo e a luta pela unidade, a saber, a primazia contingencial da experiência do corpo no devir da história como ancoragem de nossa reflexão.

Palavras-chave: Estilo; tragédia; corpo.

